

Um abalo no plano

BRASÍLIA — Nos primeiros 100 dias do governo, a inflação ficou abaixo dos 2%. Ao mesmo tempo em que administra pressões sobre os preços, a equipe econômica trabalha nas regras para o funcionamento da economia a partir de julho, quando salários e contratos deixam de ser corrigidos de acordo com as taxas de inflação.

Por trás de medidas impopulares, como a elevação para 70% das tarifas de importação de automóveis e eletrodomésticos e o adiamento da data de pagamento do funcionalismo público, estava uma única causa: a redução abrupta do ingresso de capitais estrangeiros, em função da crise do México. “A

economia era um paciente que sofreu uma cirurgia delicada e se recuperava bem numa UTI. De repente, alguém abriu a janela, entrou um vento frio e o paciente ficou com febre”, compara um importante assessor do governo.

Por pouco a febre não vitimou o presidente do Banco Central, Pêrsio Arida. Informações desencontradas no anúncio da desvalorização do real frente ao dólar, expuseram o desentendimento entre Arida e o diretor da área internacional do BC, Gustavo Franco. Denúncias de vazamento de informações privilegiadas puseram em xeque a relação do BC com o mercado financeiro.